



**Discurso de Posse da Magnífica Reitora da
Universidade Católica Portuguesa**

Nota Introdutória

Maria Laura Bettencourt Pires

A actual reitora da Universidade Católica Portuguesa, Prof. Doutora Maria da Glória Garcia, sucede ao Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz, que terminou em 2012 o seu terceiro mandato de quatro anos como reitor da UCP, missão que desempenhou com grande brilho. Maria da Glória Ferreira Pinto Dias Garcia é professora catedrática da Faculdade de Direito, da qual foi directora, tendo sido vice-reitora da Universidade entre 2000 e 2004. Foi seleccionada pelo Magno Chanceler da Universidade Católica, D. José Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa, que - após ter ouvido o Conselho Superior da instituição académica e a Conferência Episcopal Portuguesa - apresentou o seu nome à Congregação para a Educação Católica na Santa Sé, que o aprovou. – A cerimónia solene de investidura da Reitora assim como dos Vice-Reitores, Profs. Doutores Isabel Gil e Rev. P^e José Tolentino Mendonça, teve lugar em 18 de Outubro de 2012, sob a presidência do Cardeal Patriarca.

A nova Reitora tem substancial obra científica publicada nas áreas do Direito Administrativo, Direito Urbanístico e do Ambiente e foi agraciada com o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique em 1995. É membro fundador da *Societas Juris Publici Europaei* (SIPE), constituída em Frankfurt, em 2004, e académica correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. É também a primeira mulher à frente da Universidade Católica Portuguesa desde a sua criação, em 1967, quando esta foi reconhecida pelo Estado como instituição universitária livre, autónoma e de utilidade pública, e tem a

responsabilidade da gestão académica e administrativa da Universidade, constituída por 15 faculdades, escolas e institutos, divididos pelos polos de Lisboa, Porto, Braga e Beiras, tendo 1411 professores e cerca de 12 mil alunos

"Formar para a confiança" é o lema da actual reitora a quem agradecemos penhoradamente ter acedido ao nosso pedido de publicar na íntegra na *Gaudium Sciendi* o seu magnífico discurso, proferido quando da cerimónia da tomada de posse, por podermos ver nesse pronto atendimento algum apreço pela revista mas, sobretudo, por considerarmos o texto inspirador e modelar, revelando um admirável espírito de missão e uma competência, que constituem um sinal de esperança e de capacidade para enfrentar os desafios assim como um compromisso de realização de que todos tanto necessitamos actualmente, sendo, por isso, uma honra e um privilégio poder facultá-lo aos nossos leitores.

Discurso Tomada de Posse

**Maria da Glória Garcia
Universidade Católica
Sociedade Científica**

O momento é solene. O momento é intenso. O momento é forte. Assim o sinto. Assim o comunico.

Entendeu o Magno Chanceler da Universidade Católica Portuguesa, depois de ouvida a Universidade, através dos seus órgãos superiores, e de ouvida também a Conferência Episcopal, propor à Congregação para a Educação Católica o meu nome para Reitora. E a Congregação para a Educação Católica, entidade para o efeito competente, aceitou-o.

Assumo funções perante o Magno Chanceler, Senhor D. José da Cruz Policarpo, e na presença de todos os que se dignaram acompanhar pessoalmente este acto.

Quero que saibam que as assumo com alegria. Com muita alegria. Porque vou poder levar por diante um projecto em que me revejo e acredito.

Assumo-as também com humildade. Porque sei que são muitas e muitas as pessoas que se revêem neste projecto e igualmente nele acreditam.

Com alegria e humildade procurarei dar corpo às funções que agora assumo.

1. O chamamento de um leigo à reitoria da Universidade Católica Portuguesa, há doze anos, correspondeu a uma leitura sábia dos sinais que o tempo espalha na sociedade e contribuiu para um maior entrosamento da universidade na sociedade, sem que isso tenha afectado a identidade que conforma a universidade — ser católica. Entendo que o chamamento de uma mulher à reitoria da Universidade Católica Portuguesa se insere na mesma linha de interpretação dos sinais dispersos no mosaico do tempo, responsabilizando, de modo especial, quem escolhe e de um modo porventura ainda mais especial quem é escolhido.

Assumo a responsabilidade com espírito de serviço, na liberdade com que aceitei exercer o cargo.

2. Ninguém decerto se admirará se, neste momento, o meu pensamento e as minhas palavras se dirigirem para quem me precede no cargo, o Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz, o primeiro leigo a presidir aos destinos desta Universidade, e durante três mandatos consecutivos. A gratidão, em termos pessoais, é o que sinto, e sei ser esse o sentimento institucional, partilhado pela Universidade. Todos lhe somos devedores do empenho, sabedoria, inteligência, sensatez, com que, ao longo dos anos, conduziu esta grande nau, vencendo obstáculos, vindos de diferentes e inesperados quadrantes, e adaptando capacidades diversificadas às situações incómodas, hostis ou preocupantes, que se foram sucedendo, sempre fiel à matriz católica, defendendo intransigentemente os valores cristãos. Mas também, consolidando e fortalecendo a instituição, seja criando um quadro de docentes próprio, seja rasgando caminhos novos, desde logo no ensino das tecnologias e das ciências da saúde, seja abrindo espaço à internacionalização, enfatizando o nome da Universidade Católica na sociedade portuguesa e ampliando-a à sociedade internacional.

Integrei, como vice-reitora a primeira equipa reitoral do Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz, da qual fazia também parte, como vice-reitor, o Prof. Doutor Carlos Moreira Azevedo. Guardo bem viva na memória a imagem desse

tempo de trabalho e de aprendizagem, a imagem de um tempo de colaboração empenhada e fraterna. Expressar a minha gratidão, neste particular, é muito mais do que o cumprimento de um dever. É um acto de justiça.

À Sra. Vice-Reitora, Prof. Doutora Maria Luísa Leal de Faria Geraldês Barba, que hoje cessa funções, gostaria de deixar também o testemunho, pessoal e institucional, de agradecimento. A abnegação, inteligência, cultura, serenidade são-lhe unanimemente reconhecidas e a Universidade Católica firmemente espera continuar a poder beneficiar do seu trabalho e dedicação.

3. A equipa, que comigo toma posse, integra como Vice-Reitores a Prof. Doutora Isabel Maria de Oliveira Capelo Gil, Directora da Faculdade de Ciências Humanas, e o Prof. Doutor José Tolentino Calaça de Mendonça, da Faculdade de Teologia, como Pró-Reitor o Prof. Doutor Mário António de Sousa Aroso de Almeida, da Faculdade de Direito-Escola do Porto e, como Administradora, a Dra. Maria Helena Brissos Ferreira Martins de Almeida, da FCEE, que transita da anterior para a actual equipa reitoral. Ninguém lhes regateia mérito, empenho, energia, seriedade, tranquilidade de juízo, qualidades que tenho a certeza irão continuar a colocar ao serviço da Universidade, agora em novos e exigentes desempenhos. Agradeço-lhes terem aceitado colaborar desta forma na Universidade, sacrificando projectos académicos e pessoais, a vida familiar, mas com a aceitação reconhecendo, de um lado, que a instituição merece a sua dedicação e que os seus talentos lhe podem ser deste modo úteis, de outro, que acreditam no projecto protagonizado pela Universidade Católica Portuguesa, o querem servir e ser partes mais actantes desse trabalho.

4. Uma qualquer reflexão sobre o momento que atravessamos vem normalmente ensombrada de preocupações e embrulhada numa efervescência de notícias, vindas dos planos nacional, europeu, internacional, e incidindo sobre vários âmbitos, nomeadamente económico, político, social, financeiro, ambiental, o que dificulta o traçar de estratégias

de médio e de longo prazos.

O maior problema reside em não se dispor de informação completa sobre a realidade, de si complexa, e aquela de que se dispõe nem sempre ser fidedigna. A dificuldade de fazer previsões com o grau de segurança que a razão exige para, em face dessas previsões, definir objectivos e gizar caminhos para os perseguir é, por isso, gigantesca. O risco de errar aumenta exponencialmente. Não admira que aprender a não errar e, se o erro acontecer, aprender a não voltar a cometê-lo, tivesse passado a integrar o nosso quotidiano.

Trata-se de uma aprendizagem que demanda aprofundamento de saberes, alargamento do conhecimento teórico, promoção da cooperação entre as áreas científicas; que exige alianças entre a experiência concreta e o saber abstracto, o abandono de visões pessoais, e a busca de outras que as complementem ou ampliem.

Ora o local da aprendizagem é a escola. E o local por excelência da formação científica e do cruzamento de conhecimentos é a universidade, a escola superior dos múltiplos saberes. E, se assim é, então o tempo, hoje, é de afirmação, clara e inequívoca, da universidade.

Ao desalento da vivência social tem a universidade a obrigação de dar uma resposta positiva e forte, diminuindo o espaço da ignorância, estimulando o pensamento a encontrar soluções, desenhando modelos alternativos, estreitando a capacidade de errar. A universidade tem a obrigação de se adequar ao tempo em que vivemos: ensinando a lidar com a complexidade e a incerteza, reforçando a importância do diálogo amplo de ideias, desenvolvendo redes de comunicação e entreajuda na sociedade. É uma responsabilidade que lhe pertence por inteiro, pelo simples facto de ser universidade.

A Universidade Católica Portuguesa está consciente do desafio que tem pela frente e não quer ficar de braços cruzados. Quer ser parte actuante

do processo de viragem, ajudando a resolver os problemas já identificados e a identificar os que estão por definir.

5. Mas o momento actual traz consigo outro conjunto de preocupações. De facto, são cada vez mais inquietantes as questões emergentes dos poderes que as ciências e as tecnologias inovadoras colocam à disposição da sociedade, e é cada vez mais perturbador o peso que o presente adquire sobre o passado e sobre o futuro.

O conforto que as tecnologias de ponta trazem ao bem-estar social e o prazer com que beneficiamos das mais avançadas descobertas do cérebro humano aceleração das comunicações, criação de realidade virtual, acentuação da vivência de sensações impedem uma reflexão serena sobre as alterações que estão a provocar. E impedem-na também pela vertigem com que se sucedem. Mas a reflexão é necessária e urgente, porque está em causa a nossa vida em sociedade.

Não é esta, porém, urna qualquer reflexão. Ela exige "um incremento de alma", como lembra o Cardeal John Henry Newman, a quem devemos páginas profundas sobre o pensamento universitário. "Um incremento de alma" traduzido numa especial sabedoria para compreender os frutos do pensamento e para os encarar à luz do espírito e das diversas formas de aperfeiçoamento humano.

Ora a Universidade Católica sente-se, neste âmbito, particularmente habilitada. Fundada em princípios e valores humanos, ao mesmo tempo que rasga futuros científicos, é portadora de uma memória que, enraizada no espírito, alimenta a alma e dá-lhe o suplemento que eleva e a coloca ao serviço de um melhor entendimento da pessoa e das suas realizações.

Afirmar a Universidade Católica na sociedade é, pois, hoje, mais importante do que nunca, porque os valores que protagoniza conferem força espiritual à acção e tornam-na capaz de mudança. A investigação e o ensino, quer tenham base teológica, quer fundo filosófico, social ou político, quer

escancarem as portas à beleza, nas mais variadas expressões em que a arte se

revela, quer se desenvolvam na biotecnologia, na economia, na gestão, na engenharia, no direito, nas ciências da saúde, na comunicação social, são alimentados pelas realidades do espírito, sem as quais não há hierarquia de valores a preservar.

Em *Levantar o Céu*, José Mattoso lembra que "a racionalidade esgota-se: mas a sabedoria não conhece limites". "A diferença" - explica - "não está na proposta concreta, mas no pressuposto da mensagem que se pretende transmitir".

Em suma, a Universidade Católica é importante na sociedade. E, consciente disso, não vai cruzar os braços, antes os vai elevar, promovendo espaços alargados de diálogo e de liberdade, continuando a procurar uma melhor compreensão da pessoa e das suas realizações.

6. Acresce que as constantes ameaças ao bem-estar, que pairam sobre a sociedade portuguesa, a dificuldade com que a economia se confronta em se relançar e criar emprego, o embate na realidade de um tempo que tudo prometia, não só fazem temer a saída sistemática de Portugal de gerações que legitimamente procuram melhores dias como difundem uma cultura de desânimo que não contribui para a ultrapassagem necessária.

E também aqui a afirmação universitária é importante. E, nela, a afirmação da Universidade Católica Portuguesa. Formar para a confiança tem chamado a Portugal e a esta Universidade, para ensinar e investigar, grandes professores e investigadores das maiores universidades mundiais. Aqui leccionam. Aqui estudam. Porque reconhecem mérito à Universidade. Aqui mostram, pelo exemplo da sua opção, que em Portugal se produz ciência ao mais alto nível. E os alunos das mais variadas latitudes e nacionalidades

procuram a Universidade Católica Portuguesa para estudarem, sabendo que os cursos são amplamente reconhecidos, que os graus estão ao nível do que de melhor se atribui no plano internacional e que o convívio com a cultura

universitária portuguesa os enriquece. O mesmo se diga dos estudantes nacionais que, sabendo da valia do que aprendem nesta universidade, optam por fazer os seus estudos em Portugal.

Formar para a confiança, trabalhar no sentido de aumentar permanentemente a qualidade de tudo quanto faz, incentivar a interculturalidade são realidades que pertencem ao cerne da acção da Universidade Católica Portuguesa, onde quer que esta se desdobre. E de todas elas irradia um especial gosto pela vida e pela vida em sociedade, marcada pelo pluralismo, sempre no respeito pelo outro, ciente de que cada um é portador de capacidade de mudança. Por isso, a Universidade Católica Portuguesa não vai cruzar os braços, antes vai difundir esta sua ambição junto das várias gerações que a procuram.

7. Não admira que, no sistema universitário português, mau grado o pagamento de propinas ao custo real, e, logo, muito acima das propinas das universidades estatais, a Universidade Católica continue a ser, para tantos e tantos alunos, a primeira opção.

Consagrado na *Constiuição Apostólica "Ex Corde Ecclesiae"*, o modelo da Universidade Católica Portuguesa envolve o reconhecimento na sociedade civil de um espaço de diálogo onde as diferenças culturais de homens e mulheres se cruzam numa harmonia baseada numa constante actualização de sentido do que é a dignidade humana, contribuindo para o enriquecimento cultural, substrato fundante da sociedade.

As relações entre a Igreja e a Universidade são umbilicais. Nelas repousa a mundividência que é hoje o maior património cultural da universidade e que, na sua especificidade, esta transmite à sociedade. Uma

especificidade que a Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé, assinada em 18 de Maio de 2004 na cidade do Vaticano, deixou clara, garantindo à Universidade Católica Portuguesa autonomia e liberdade.

Dentro dessa liberdade, a Universidade Católica Portuguesa, para além da sede em Lisboa, espraia-se pelos Centros Regionais de Braga, Porto e Viseu, enraizando o projecto universitário no espaço português, num horizonte que ronda os 12.000 alunos. E é a realidade espiritual antes aludida que permite não só hierarquizar valores e preservá-los, como lançar e tecer as redes das solidariedades que agregam e das responsabilidades que unem e sedimentam. Plurilocalizada, a Universidade Católica Portuguesa é uma só, na realidade espiritual que a funda, na cultura ética que transmite, na acção conjugada de concretização do projecto que lhe dá vida.

Sob outra perspectiva, a Universidade Católica Portuguesa agrega Faculdades, Institutos, Unidades de Investigação, Centros de Estudos; promove o ensino, incentiva a investigação, estimula debates de ideias e em tudo procura deixar a identidade que a torna única no panorama universitário português, produzindo pensamento sobre a formação integral da pessoa humana, contribuindo para uma sociedade mais fraterna.

A Universidade Católica Portuguesa goza de um corpo único de docentes e investigadores, de qualidade superior e abnegação inextinguível. A eles e ao conjunto de funcionários que empenhadamente, e com dádiva pessoal nem sempre realçada, suportam a organização imensa em que a universidade hoje se desdobra se deve o quotidiano que permite concretizar o sonho que esta universidade acalenta. Que todos continuem a sentir-se partes imprescindíveis da realização desse sonho.

Pela Universidade Católica Portuguesa passaram já muitos milhares de estudantes, nela estudam outros milhares e muitos milhares virão, em razão do que nela procuram e encontram. E o que dela divulgam, em saber e confiança, nos mais variados lugares que ocupam na sociedade, deixando o nome forte da sua formação académica, são prova de que "a Católica é para a vida"!

Por tudo apelo à sociedade civil em geral e, em especial, às escolas

católicas, aos benfeitores da Universidade Católica Portuguesa, aos seus antigos alunos, docentes, funcionários, para que continuem a confiar nesta instituição e não deixem de a apoiar. Ajuízem de forma exigente os resultados da sua acção e actuem em conformidade. Tenho a certeza de que se sentirão reconfortados com o que dela recebem.

No sistema de ensino superior português, a Universidade Católica Portuguesa não tem tido a vida facilitada. Pelo contrário. Os estabelecimentos de ensino superior estatais que com ela concorrem têm um ponto de partida financeiro distinto, pelo que, além da gestão diria ser, na Universidade Católica, um constante e hábil esforço de contenção, quaisquer iniciativas de cursos ou investigação, cuja necessidade, em certas áreas, sentimos, demandam tarefas acrescidas de angariação de fundos e constantes movimentos de adaptação. Mas saber que a sociedade reconhece valor ao que a Universidade Católica Portuguesa faz, dá-lhe um particular ânimo para vencer obstáculos.

O Estado, através das inúmeras entidades, órgãos e serviços com quem a Universidade Católica Portuguesa especialmente se relaciona — o Ministério da Educação e Ciência, outras universidades públicas e institutos politécnicos, o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, a Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior sabe o que desta Universidade pode esperar, em competência, lealdade e espírito de serviço, para contínuo enriquecimento do sistema nacional de ensino superior. Por sua vez, a Universidade Católica espera poder continuar a beneficiar, da parte do Estado, de idêntico modo de agir, bem como uma sensibilidade particular para o que a distingue.

E um relacionamento franco e aberto deseja a Universidade Católica continuar a ter com as universidades e estabelecimentos de ensino politécnico privados portugueses.

8. Já se disse que, apesar de difícil, o tempo é hoje de afirmação da universidade, no espaço social, de afirmação de urna identidade cultural que eleva, de afirmação do valor do que é português.

No quadro desta afirmação da Universidade Católica Portuguesa, naquele que é o tempo que não escolhemos mas nos escolheu a nós para o vivermos, mais do que fixar metas e delinear programas de acção, é preciso saber gerir expectativas, num dia-a-dia de trabalho, rigor, coesão, solidariedade, transformando a fraqueza em força e a adversidade em razão de esperança.

Um velho provérbio oriental lembra que quando o vento sopra forte há quem levante muros e há quem construa moinhos de vento. À atitude defensiva de quem constrói muros para se proteger, preferimos a inspiração de quem usa o vento como energia.

É essa inspiração que queremos para a Universidade Católica Portuguesa e que queremos que esta irradie.

Porque a vocação da Universidade Católica Portuguesa reside precisamente aqui, em inspirar, em **ser fonte de inspiração**: inspirar, levar cada um a encontrar em si o engenho que transforma o que se receia em futuro promissor.

É neste horizonte de esperança de uma universidade cuja vocação é inspirar que a Universidade Católica Portuguesa terá de cumprir quotidianamente a sua missão: investir na investigação em rede, aberta, multidisciplinar, fundada na cultura humanista que a identifica, formar para a confiança pela força conjugada dos saberes teórico e prático, defender intransigentemente a qualidade, no plano nacional e internacional.

E termino com a adaptação do refrão de uma canção ouvida há muito: "que a universidade católica portuguesa volte a ser o que nunca foi", isto é, que a Universidade Católica Portuguesa seja capaz de, em cada dia, regressar ao momento em que nasceu, em que não tinha passado e só um projecto imenso a realizar, um projecto da sociedade civil, um projecto de Igreja: inspirar, ser fonte de inspiração.

tomada de posse começa com um passo. Está dado. Agora, vamos continuar a andar.

Que Deus ilumine o meu caminho Que Deus ilumine o nosso caminho.